



BRINQUEDO E GÊNERO: COMO OS ESTEREÓTIPOS INFLUENCIAM O BRINCAR DAS CRIANÇAS

Eixo Temático 06 - Corpo, Gênero e Educação / Axis 06 - Body, Gender, and Education

Luana Sena da Silva¹
Anatalia Oliveira de Souza²
Taísa Santos Sacramento³
Marilete Calegari Cardoso⁴

RESUMO

As brincadeiras são essenciais para o desenvolvimento infantil, permitindo que as crianças compreendam melhor o mundo ao seu redor. Neste contexto, foram oferecidos diversos brinquedos, possibilitando a criação e o brincar de forma espontânea. Além disso, questionou-se a escolha dos brinquedos para analisar se as crianças já possuíam ideias relacionadas ao gênero. A pesquisa ocorreu durante o estágio supervisionado em Educação Infantil com crianças de 2 anos em uma creche de Jequié-BA. O estudo, de natureza qualitativa bibliográfica e método etnográfico, baseou-se em Carvalho (1999), Corsaro (2002) e Finco (2004). Os dados mostraram que, mesmo sendo muito pequenas, as crianças já haviam consolidado a idéia de brinquedos de menino e de menina.

Palavras-chave: Crianças, Brincadeiras, Estereótipos, Gênero.

INTRODUÇÃO

É reconhecível a importância das brincadeiras para o desenvolvimento integral da criança, e relevante salientar que quando falamos em desenvolvimento integral nos referimos aos aspectos físicos, psicológicos, emocionais e sociais da criança, que ao

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB. Email: luanasenna013@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB. Email: oliveiraanatalia356@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB. Email: taisasantossacramento@gmail.com

⁴ Doutora em Educação (UFBA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância – GEPELINF. Email: marilete.cardoso@uesb.edu.br



brincar são todos mobilizados. Na sociedade essa ação, tão pura e genuína, também foi vítima dos estereótipos de gênero, pois foi construída e amplamente difundida uma ideia de que existem brinquedos específicos para meninas e para meninos. Nessa perspectiva, algumas situações acabam reforçando comportamentos machistas, onde o brincar se transforma em um molde comportamental.

Tendo em vista a importância da temática, esse estudo foi realizado durante o período de estágio supervisionado em Educação Infantil do curso de Licenciatura em Pedagogia/UESB, que ocorreu em novembro de 2023. Uma experiência que possibilitou entender como os comportamentos são condicionados de acordo com o gênero que o indivíduo nasce, e como essa imposição afeta as brincadeiras desde muito cedo.

Além disso, outro fator decisivo na tomada de decisão de investigar essa temática foram os estudos e discussões realizados no grupo de estudos GEPELINF⁵. Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é, assim como os estudos realizados em grupo, refletir como os estereótipos influenciam na brincadeira da criança, e que papel o brinquedo assume nesse processo.

Para uma melhor discussão, realizamos um estudo de natureza qualitativa bibliográfica, a partir do método etnográfico, esse estudo tem como base as concepções dos seguintes teóricos: Carvalho (1999), Corsaro (2002), Finco (2004), Judith Butler (2003; 2004), Michel Foucault (1988).

O Paradigma da Desigualdade de Gênero na Educação Infantil

A desigualdade de gênero é um fenômeno estrutural que ainda persiste na sociedade contemporânea, enraizado em uma cultura patriarcal que historicamente posicionou os homens em um papel de destaque e relegou as mulheres a uma posição subalterna. Esse modelo, inicialmente restrito ao âmbito familiar, foi se expandindo e influenciando diferentes esferas sociais, incluindo a educação.

Ao analisarmos a história da educação no Brasil, observamos que o acesso das mulheres à escolarização ocorreu de forma tardia em comparação aos homens. Até o século XIX, a educação feminina era limitada a conteúdos relacionados à vida doméstica, e a participação das mulheres em espaços públicos e políticos era amplamente desencorajada. Foi apenas com o avanço dos movimentos feministas e a implementação de políticas educacionais mais inclusivas que as mulheres conquistaram

⁵ Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância.



maior acesso à educação formal. No entanto, apesar dos progressos alcançados, a desigualdade de gênero ainda se faz presente, sendo evidenciada, por exemplo, na sub-representação feminina em cargos de liderança e nas áreas das ciências exatas e tecnológicas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, apenas 37,4% dos cargos de liderança no Brasil eram ocupados por mulheres, mesmo estas representando a maioria da população com ensino superior.

Essa desigualdade também se manifesta na Educação Infantil, um período fundamental para o desenvolvimento das crianças, onde padrões socioculturais são transmitidos e reforçados. As relações estabelecidas com brinquedos e brincadeiras, por exemplo, refletem e perpetuam paradigmas de gênero. Desde cedo, meninos e meninas são condicionados a interagir com brinquedos considerados “apropriados” para seu sexo, como bonecas para meninas e carrinhos para meninos, limitando suas experiências e habilidades. Estudos sobre o tema apontam que essa segmentação influencia até mesmo a escolha profissional futura, reforçando a segregação entre carreiras tradicionalmente femininas e masculinas.

Além disso, práticas pedagógicas muitas vezes reforçam estereótipos de gênero. Alguns professores, conscientemente ou não, restringem a liberdade das crianças ao direcionar atividades e interações com base em normas tradicionais. Em muitos casos, meninas são incentivadas a desenvolver comportamentos afetivos e cuidadosos, enquanto meninos são motivados à autonomia e à competitividade. Essa diferenciação não apenas molda a percepção das crianças sobre seus papéis sociais, mas também pode impactar suas aspirações e oportunidades futuras.

Diante desse cenário, torna-se essencial investigar como a Educação Infantil pode contribuir para a desconstrução desses paradigmas e promover um ambiente mais equitativo. A presente pesquisa se propõe a analisar o impacto da desigualdade de gênero nas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar, buscando estratégias que favoreçam uma educação mais inclusiva e igualitária desde os primeiros anos de vida.

Problematizando o Brincar e as Relações de Gênero

Os estereótipos de gênero presentes na sociedade acabam conduzindo homens e mulheres a produzirem determinados comportamentos, esse condicionamento feito através do gênero é construído socialmente conforme a cultura na qual o indivíduo está inserida, sobre a diferença entre gênero e sexo Carvalho destaca que:



O conceito de gênero (cultura) somava-se ao de sexo (natureza) e não o substituíam. A natureza era uma base sobre a qual significados culturais eram construídos. Gênero era associado, assim, a traços de caráter e a comportamentos, e sexo a corpo e a biologia (Carvalho, 1999, p. 30).

Nessa concepção, ao incorporar a sua cultura o indivíduo passa a ter experiências que condicionam o seu modo de agir, assim ao analisarmos de forma crítica as brincadeiras fica evidente sua influência na construção social do indivíduo ao condicionar muitas vezes determinados comportamentos, percepções e atitudes de acordo com o gênero. Nesse sentido, Corsaro salienta que:

As crianças produzem a primeira de uma série de culturas de pares nas quais o conhecimento infantil e as práticas são transformadas gradualmente em conhecimento e competências necessárias para participar do mundo adulto. [...] As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. (Corsaro, 2002, p. 114).

Nesse cenário, alguns brinquedos acabam condicionando a criança a brincar de acordo com seu gênero. Essa segregação acaba limitando a imaginação da criança que acaba não podendo utilizar sua criatividade de maneira plena, pois sentem desde cedo uma pressão social que condiciona sua forma de agir em contato com os brinquedos

METODOLOGIA

Considerando a importância dessa pesquisa para a desconstrução de estereótipos de gênero, isto é, as atribuições do que seria papéis de homens e mulheres nas relações sociais, relataremos sobre a metodologia utilizada no desenvolvimento dessa pesquisa. Para proporcionar reflexões sobre este assunto utilizamos como método de estudo a pesquisa qualitativa que segundo Minayo (2001, p. 43) “A pesquisa qualitativa não se baseia no critério”. Assim, a pesquisa qualitativa tem uma função exploratória, que busca compreender o comportamento do objeto pesquisado.

Além disso, para uma melhor compreensão da temática realizamos uma pesquisa que se sustenta no método etnográfico, que segundo André:

Busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



coleta, avaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (André 1995, p. 25)

Realizamos esta pesquisa em uma creche pública no município de Jequié-BA, que teve como participantes 19 crianças na faixa etária de 2 a 3 anos. Tivemos a oportunidade de realizar a pesquisa durante o período de observação no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, no qual pudemos acompanhar as crianças e sua rotina, inclusive no momento das brincadeiras. Sendo assim, utilizamos para a produção de dados a pesquisa de campo que pode ser entendida como:

Aquela utilizada com o objetivo de obter informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. (Marconi, 2017, p.66).

Além disso, para entendermos melhor como os estereótipos influenciam no brincar da criança também realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico. Para Sousa (2021, p.64-65), “a pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo”. Dessa forma, por meio desse caminhar metodológico procuramos compreender as relações de gênero na educação, no contexto do brincar e das interações infantis.

DISCUSSÃO

Por questões éticas, durante os registros apresentados não serão mostrados os rostos das crianças, e os dados foram produzidos por meio de fotos e vídeos dos momentos de interação das crianças. Para a construção de nossas hipóteses, as crianças foram questionadas sobre as escolhas dos brinquedos, e também analisamos suas reações ao produzir brincadeiras com determinados brinquedos.

Em determinado momento, ao questionarmos um dos menino sobre o motivo dele não brincar de boneca, ele respondeu que não brincava porque era de menina, e os meninos não brincavam de boneca, mas sim de caminhão. Apesar dessa declaração, minutos depois, percebemos essa mesma criança brincando com uma barbie, contrariando qualquer pensamento preconceituoso. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 01 - Brincando de boneca



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

Essa situação, nos permitiu perceber uma divergência entre o discurso que ele estava reproduzindo e sua ação. Observamos que, por serem crianças muito pequenas, elas estão começando a entender o mundo ao seu redor e acabam internalizando os discursos dos mais velhos. Nesse caso, percebeu-se também como eles, ao explorar os brinquedos, não conseguiam fazer uma distinção clara entre o que podiam ou não brincar, e acabavam se envolvendo e brincando com todos os brinquedos disponíveis no local. Sobre isso Finco declara que:

Em relação ao uso dos brinquedos, é possível compreender as positivities das transgressões, nos momentos de brincadeira, percebendo como meninas e meninos resistem aos padrões pré-estabelecidos, recriando e inventando novas formas de ser. (Finco, 2004, p.69)

Também percebemos isso em relação às meninas ao questionarmos uma delas sobre o porquê dela não brincar de carrinho ela respondeu que não brincava porque era menina, e menina não brincava de carrinho, porém minutos depois lá estava ela, alegre e passeando com seu carrinho por toda sala. Como mostra a figura 2 a seguir:

Figura 02 - Brincando de carrinho



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

A partir dessa cena percebe-se como a percepção que as crianças fazem do mundo acaba tendo muita influência nas brincadeiras, pois elas reproduzem o que observam do mundo a sua volta e começam a incorporar esses comportamentos.

Percebeu-se também durante as observações que as professoras desempenham um papel significativo na perpetuação desses padrões de gênero, muitas vezes influenciadas por crenças religiosas e pelo próprio patriarcado. E por isso, em algumas situações, restringem a liberdade das crianças ao impor normas sobre quais brinquedos são apropriados para meninos e meninas e quais devem manter distância. Essa limitação não apenas reforça estereótipos desde a infância, mas também contribui para a consolidação de um modelo social rígido, que impacta o desenvolvimento e as oportunidades das crianças ao longo da vida.

A partir do que foi relatado, nota-se que apesar das conquistas com o passar das últimas décadas de lutas por respeito, reconhecimento e combate a segregação carregada de preconceito de qualquer tipo, os estereótipos associados às mulheres ainda são muito presentes em nossa sociedade. Essa situação relatada na cena da brincadeira, por exemplo, mostra o porquê ainda persiste a ideia de que as mulheres dirigem mal, isso acontece porque essa atividade sempre foi associada aos homens, até mesmo no brincar o carro “não é coisa para mulher”. Assim, as pessoas naturalizam, desde pequenas, a imagem de homens ao volante, afinal, como foi mostrado acima, mesmo se tratando de crianças pequenas já carregam consigo a ideia de que os meninos devem brincar de



carrinho, enquanto as meninas devem brincar de boneca, reforçando a ideia de maternidade como uma vocação natural do gênero feminino e os volantes como algo distante e intocável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero na Educação Infantil é um reflexo de padrões socioculturais historicamente enraizados, que continuam a influenciar a formação das crianças desde os primeiros anos de vida. Embora a luta por equidade tenha conquistado avanços significativos, ainda persistem práticas pedagógicas e sociais que reforçam estereótipos, limitando o desenvolvimento pleno de meninos e meninas.

A influência dos professores nesse processo é fundamental, uma vez que suas atitudes e metodologias podem tanto perpetuar quanto desconstruir essas desigualdades. A restrição ao brincar livre, baseada em concepções ultrapassadas, reforça a segregação de papéis sociais e pode impactar a autoestima e as escolhas futuras das crianças.

Diante desse cenário, é essencial que a Educação Infantil seja repensada como um espaço de inclusão e transformação social, onde a diversidade e a igualdade sejam incentivadas desde cedo. A formação docente deve incorporar debates sobre gênero, proporcionando aos educadores ferramentas para promover práticas mais equitativas e livres de preconceitos. Somente assim será possível construir uma sociedade mais justa, onde meninos e meninas possam desenvolver suas potencialidades sem as limitações impostas por estereótipos de gênero.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M., M. E. D. A. de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995. p.15-26.

CARVALHO, M. P. No coração da sala de aula. Gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. Educação, Sociedade e Cultura: Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002.

FINCO, Daniela. Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. Campinas, SP, 2004.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

Disponível

em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, M. C.de S. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83, 2021.